

Trabalho, escasso na cidade, migra para interior

Pesquisa mostra que avanço do agronegócio e transferência de empresas estão mudando o mapa do emprego

Editora de Arte

Liane Thedim

• Deterioração do emprego, com crescente número de trabalhadores sem direitos, número de desocupados em alta. O triste retrato do mercado de trabalho tem dominado as análises de especialistas, com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nas principais regiões metropolitanas do país. Fora dos grandes centros, no entanto, o que se vê é expansão no número de ocupações formais e um novo mapa do emprego sendo construído. Estudo publicado no último boletim de mercado de trabalho do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) mostra que a taxa de formalização vem evoluindo gradativamente desde 1992 até 2002, de cerca de 40% para 42% ao ano.

Para o autor da pesquisa, o sociólogo Luís Henrique Palva, um dos coordenadores da área de estudos do Ministério da Previdência, as principais causas dos números positivos são o franco crescimento do agronegócio em todo país e a migração de indústrias para o interior, em busca de benefícios fiscais, sindicatos menos fortes e barateamento dos custos de mão-de-obra e operação. O estudo é baseado nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE, que abrange todo o país, com exceção da área rural do Norte.

No interior, divisão de custos trabalhistas

O economista Marcelo Neri, professor da Fundação Getúlio Vargas, e especialista em mercado de trabalho e políticas sociais, confirma os motivos da transferência de empresas.

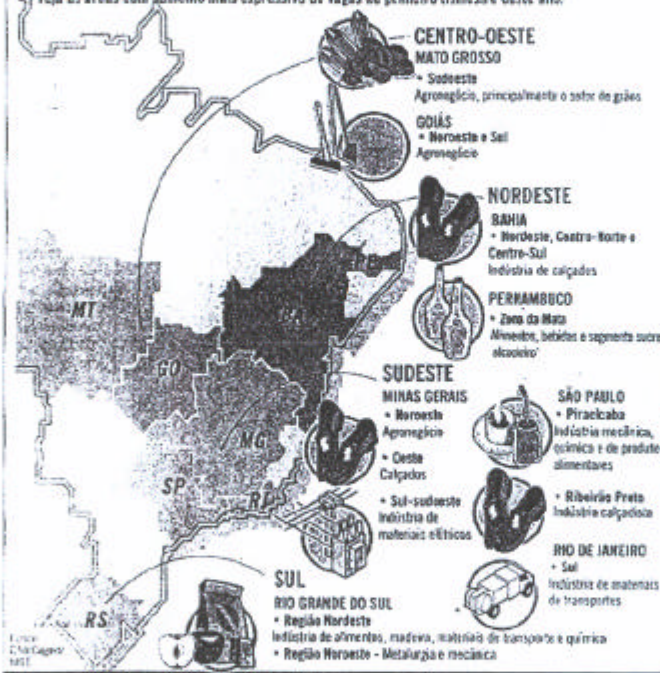
— Está havendo uma migração do emprego formal para o interior — afirma Neri.

O economista cita o exemplo dos engenheiros de empregadores que vêm ganhando força nas áreas rurais. Como uma determinada cultura não ocupa a mão-de-obra o ano todo, os empregadores dividem os custos trabalhistas e os trabalhadores se "revezam" de acordo com a safra. Além disso, diz Neri, as

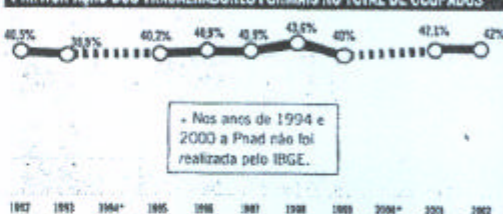
Como evoluiu o emprego com carteira assinada

O NOVO MAPA DO EMPREGO

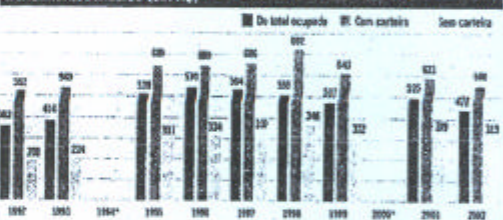
O interior dos 27 estados do país abrange 62,6% do total de postos de trabalho com registro formal no Brasil, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho. Veja as áreas com aumento mais expressivo de vagas no primeiro trimestre deste ano:



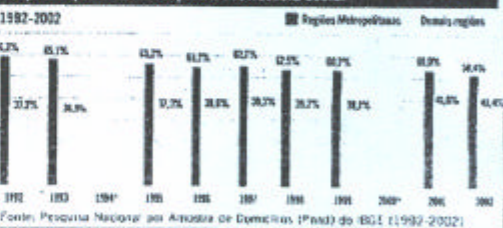
PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES FORMAIS NO TOTAL DE OCUPADOS



Rendimentos médios (em R\$)



Ocupados que contribuem para a Previdência Social



políticas sociais do governo federal (como o programa Bolsa-Família, que garante a cada um dos beneficiários receber entre R\$ 15 e R\$ 75, e a Previdência Rural) são predominantemente direcionadas a essas áreas, favorecendo a atividade econômica e melhorando o nível de renda nas regiões.

— O desenvolvimento do interior e as crises econômicas que afetam as áreas metropolitanas estão agravando a pobreza urbana — comenta Marcelo Neri. — Mesmo assim, acredito que as áreas rurais ainda são mais informais, por-

que o emprego tem qualidade mais baixa — avalia.

Segundo a pesquisa publicada no boletim do Ipea, o número de trabalhadores que contribuem para a Previdência, dado indicativo de emprego formal, caiu de 66,2% em 1992 para 58,4% em 2002, nas regiões metropolitanas (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador). Já nas demais regiões, houve alta de 37,2% em 1992 para 41,4% em 2002. Em números absolutos, isso corresponde a 10,2 milhões de pessoas nas áreas urbanas e 25,1 milhões nas rurais.

Estudo da Confederação Nacional da Indústria (CNI) com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho — que abrange as ocupações com contrato pela CLT — também mostra o avanço da formalidade no interior. Só no primeiro trimestre, das 776 mil contratações feitas pelas empresas, 582 mil (75%) ficaram no interior. Os destaques são os estados do Nordeste, Sul e Centro-Oeste. No Sul, por exemplo, mais de 90% dos empregos foram gerados fora da

capital nos últimos 12 meses.

— Quem quiser colocação no mercado deve estar disposto a mudar de região, saindo dos grandes centros — diz o economista Paulo Mol, da Unidade de Pesquisa, Avaliação e Desenvolvimento da CNI.

Ele aponta o crescimento das exportações no agronegócio como um dos principais fatores geradores de renda no interior e cita o exemplo do pólo de produção de material elétrico em desenvolvimento na cidade de Santa Rita do Sapucaí, em Minas Gerais. Outro destaque é a produção de

açúcar e álcool na Zona da Mata de Pernambuco, em grande parte comercializada para o exterior.

Já no Rio de Janeiro, ainda pelo estudo, o crescimento foi concentrado na indústria de materiais de transportes, no Sul Fluminense, onde o aumento no contingente de trabalhadores foi de 7,9% no primeiro trimestre deste ano, em relação ao mesmo período do ano passado. Em 1998, 59% dos empregos formais estavam localizados no interior. Em seis anos, essa participação saltou para 69% (2004). ■